

EDITORIAL

O Brasil E O Oriente Médio Em Tempos De Pandemia

Monique Sochaczewski¹

Estudar a história do Oriente Médio a partir do Brasil se faz importante porque é relevante por si só – ou seja porque é vital conhecer o desenvolvimento de região berço das três religiões monoteístas, importante *hub* comercial e econômico e fonte de hidrocarbonetos – como por suas relações com o Brasil. Apesar do início das conexões terem se dado por interesses comerciais – com o Brasil tentando melhorar as exportações de café para o Império Otomano em meados do século XIX – o que nos conectou, e o que em grande medida ainda nos conecta, foi a migração de milhares de pessoas de lá para cá.

Árabes cristãos (maronitas, melquitas, greco-ortodoxos e protestantes), árabes muçulmanos (sunitas e xiitas), judeus com identidades árabe e com identidade sefardi, drusos, armênios, assírios e gregos para cá migraram de um império outrora multiétnico, multireligioso e vibrante, e ajudaram a diversificar uma nação que se esboçava nos trópicos. Fazeres, gostos e sabores desses imigrantes se popularizaram. Os mascates de ontem e as regiões comerciais de hoje em versões nossas de *souks*, como a Saara no Rio e a 25 de março em São Paulo, são de imediato reconhecidos e bastante procuradas por todos. Quibe, esfiha, tabule, e agora falafel, entraram definitivamente no paladar nacional.

O que aprendemos nesses quase um ano e meio de GEPOM é que em tempos de pandemia o Oriente Médio também nos serve de oásis. Isso mesmo: um refresco frente a um Brasil complicado com dificuldade especial em gerir a crise sanitária da covid-19. Por meio de nossos cursos e *lives* percebemos que a efervescente produção literária e audiovisual daquela região tem milhares de apaixonados no Brasil e que as apresentar e as debater reforça a percepção de região mais sofisticada do que prega o senso comum. Edward Said, Fatima Mernissi, Joumana Haddad, Amos Oz, Orhan Pamuk, Elif Shafak e Ayelet Gundar-Goshen nos inspiram, instigam, inquietam, e, sobretudo, ampliam nossa visão de mundo. Filmes, novelas e séries como “Sandstorm”, “The Cut”, “Al Hayba”, “Ertuğrul”, “Köseme”, “8 em Istambul”, “Morte do Patriarca” e mesmo a questionável “Justice” divertem, distraem, encantam e geram interesse por temas como a história e a

¹ Cofundadora e Pesquisadora Sênior do GEPOM. Editora da GEPOM EM REVISTA. Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC-FGV, com estudos e pesquisa feitos na Turquia sob a égide da Bilkent University, em Ancara. Monique é ainda Fellow do Summer Institute for Israel Studies da Brandeis University (EUA).

realidade das mulheres no Oriente Médio – para além de estereótipos –, peculiaridades dos sistemas jurídicos dos países da região, e os usos e abusos do passado otomano pelo atual governo turco.

A doença ainda não foi vencida de fato, mas quando esse dia chegar, tenho a impressão de que muitos brasileiros vão querer ir ver *in loco* muito do que tratamos sobre a história dessa região e do que a literatura e obras audiovisuais nos permitiram acessar. Será especialmente lindo se pudermos fazer parte dos trajetos em conjunto, seja pelos becos da cidade velha de Jerusalém, em passeio de barco por Istambul, na medina de Marrakech, ou no *corniche* em Beirute. Enquanto esse dia não vem, sigamos em aulas, leituras, maratonando séries e aprendendo com a incrível leva de pesquisadores brasileiros, como os que aqui escrevem, que vem se dedicando à região tão apaixonante como o Oriente Médio. *Yallah!*